

A RAZÃO

Director e Editor: Dr. David de Oliveira

SEMANARIO REPUBLICANO

N.º 52 DO 2.º ANO

Redacção e Administração: R. de FRANCISCO AGRA, 8

Guimarães, 14 de Maio de 1925

Composição e impressão: RUA DE GIL VICENTE, 34

MINERVA RIBEIRO. — Guimarães

PONTO FINAL

Não é «A Razão» propensa a louvaminhas, nem as suas colunas talhadas para altar de bonzos. Norma é a nossa cortar a direito, tanto no louvor como na censura, sem que disto nos desviem as mil contrariedades com que a cada passo deparamos para mantermos o nosso jornal independente em politica e obediente á verdade.

Dito isto, em forma de preambulo ou de carapuça, como quiserem, vamos ao prometido.

No ultimo numero de «A Razão» afirmamos, para desmentir o «Ecos de Guimarães», que quem vinha trabalhando para resolver a questão *Correios e Telegrafos* era o sr. dr. Mariano Felgueiras. Provas tinhamos aquelas que toda a gente tem: o conhecimento dos repetidos esforços por Sua Excelencia empregados nesse sentido. Devia bastar, desde que nos lembremos que tais esforços, mercê de circumstancias varias, se tornaram notorios. A local do «Ecos» veio, porém, convencêr-nos do contrario. Apesar de tudo, o órgão monarchico quiz ainda fingir ignorancia, attribuindo a outrem, ante o qual todo se derreia, méritos que lhe não cabem. Desde logo prometemos desfiar toda a meada, para que justiça se faça e o colega não reincida em erro tão... grosseiro. E' o que vamos fazer.

—Meu caro amigo, desta já ninguém se livra. Sei que V. acompanhou de perto toda a questão e, por isso, tem de dar as palavras de remate ao caso. E' bom que se saiba que para cá do Marão... Você compreende. E, depois, é de restaurar a verdade que se trata e isso faz-se com meia bola e... força. É Alberto Teixeira, os modos desprendidos de sempre, diz nos então:

—Por Setembro do ano transato fui procurado pelo Ex.^{mo} Sr. Dr. José M. Pereira de Menezes, que insistiu comigo para lidar ao sr. dr. Mariano Felgueiras na compra da casa da rua de Santo Antonio para o edificio da Camara. Tomei essa incumbência; mas, tendo a vereação resolvido fazer as obras novas, o remedio foi pôr o plano de parte. Foi então que o sr. dr. Mariano Felgueiras se lembrou de adquirir o prédio com destino á conveniente instalação do serviço dos correios e telegrafos. Com esse louvavel intuito sua excelencia chamou enge-

nheiros, a casa foi vistoriada e dada como adaptavel. Tudo corria bem, tanto mais que o ministro respectivo, pouco depois, dava o seu assentimento aos projectos do nosso deputado. Estava o caso neste pé, quando as primeiras dificuldades surgem. Eu lhe conto. Quando o sr. dr. José Martins Pereira de Menezes me procurou, pediu pelo prédio 100 contos, importancia essa com que se não conformaram os outros proprietarios, e quatro são eles, se não estou em erro, que, agora, pediam mais 30 contos. Conhecedor disto, e querendo evitar a perda de um melhoramento importante para a minha terra, dirigi-me, na companhia dos meus amigos Alberto Costa e Major Miguel Ferreira, ao sr. Antonio de Carvalho Cirne, um dos proprietarios, ao qual relatei o que já se tinha passado com o sr. dr. José M. P. de Menezes. Depois de conversarmos um pouco, sua excelencia, atendendo a que se tratava de um beneficio para Guimarães, concedeu que á importancia pedida, 130 contos, se abatessem 10 contos. E com a questão nestes termos é que o sr. dr. Mariano Felgueiras seguiu já para Lisboa, para vêr se liquidava o assunto em favor da terra que o elegem e pela qual se não poupa a sacrificios, pode affirmá-lo.

E o nosso amigo preparava-se já para o apêto de mão da despedida, quando nos lembramos de lhe desfechar mais uma pergunta:

—E de telefones? Consta-nos que o dr. Mariano se interessa pela sua instalação entre nós.

—E' verdade. Dentro em pouco serão um facto. Mas, quem pode dar-lhe detalhadas informações sobre o assunto é a Associação Commercial, que muito tem trabalhado para isso e, principalmente, o seu 1.º secretario, o sr. Antonio Faria Martins, que junto do sr. dr. Mariano Felgueiras tem tratado do caso.

—Muito obrigado e creia que o digno 1.º secretario da Associação Commercial não perde pela demora. E' só o tempo de aguçar o lapis.

Ai tem vozelencias a historia veridica dos esforços empregados para a conveniente instalação dos serviços dos Correios e Telégrafos em Guimarães e das pessoas que os mesmos esforços fazem. O seu a seu dono.

A MARGEM DA

Semana da Criança

E' desse sublime Jesus, o Homem-Deus, a sublime expressão:

—«Deixai vir a mim as crianças».

Jesus era o grande amigo das crianças. Para ele as crianças eram creaturas sagradas. A ideia dos seus discipulos—diz Renan—quasi que para ele se confunde com a da criança. Um dia em que disputavam sobre uma daquelas questões de precedência que não eram raras, Jesus colocou no meio d'elles uma criança, e disse-lhes:

—«Ai está o maior; o que for humilde como este é o maior no reino do ceu».

Para mim um sorriso duma criança vale a mais preciosa das dávidas. A alma abre-se-me em ondas de alegria vendo a felicidade no rosto dos pequeninos; nela nasce uma raiva muda, um odio imenso, quando, pelas ruas da cidade, vejo as crianças esfarrapadas, sujas e famintas.

Pobres seres desde pequeninos lançados na voragem da vida, sem um arrimo, sem uma mão amiga que lhes aponte essa voragem e os apreste para a luta!

E pensar eu que há para ai tantos inúteis que acumulam inúteis riquezas e que uma parcela dessas riquezas seria a pedra basilar duma Creche imensa onde coubessem todos os pequeninos fomes, sem amparo, que passam ríto e dormem ao relento...

Uma comissão de senhoras, professoras da Escola Central, solicitaram de varios industriais donativos para a Semana da Criança. Gentilmente recebidas por uns, mal por outros, em nenhuma parte o foram tão grosseiramente como na Fábrica da Avenida da Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães.

Foram lá, disseram que desejavam falar com um dos directores. Apareceu-lhes um velhote de cabelos brancos e lunetas pretas, tipo de avarento mesquinho, reaccionário duma hipocrisia a toda a prova.

«Que querem?» perguntou lhes num rompage, traduzindo na pergunta assômos de má criação.

As professoras disseram-lhe a que vinham.

«Não, não dou nada», respondeu o sr. Araujo, passando a enumerar os beneficios feitos pela Companhia (o velhote julga-se dono daquilo) num designio de rico que deseja vêr o seu retrato na galeria de benfeitores, nessa galeria de afogados, todos solenes, ricos e maldosos, lírios, de labios finos e eu de cerimonia», como diz Raul Brandão.

As aludidas senhoras delicadamente insistiram no pedido, não era para elas, era para as crianças.

O velhote, então, desfiavelou a máscara:

«Não, não dou nada, as senhoras são umas más educadoras, não ensinam a doutrina nas esco-

colas, não ensinam a religião católica, são umas ateias».

Uma das professoras logo ali lhe deu uma lição de gramática e uma lição de moral, dessa moral que o velhote não compreende, porque não é a sua moral ficticia e hipócrita.

Tão grosseiramente se portou o director sr. Araujo que um outro director, estrangeiro, então presente, chamou-lhe a atenção para o seu porte e mandou entrar as senhoras para o salão nobre.

Este sr. Araujo é um tubarão-sito da Companhia de que é director. Vamos apontar á curiosidade do publico quanto mama por ano este *b m velhote*.

Ordenado e subvenções — 24 contos.

Gratificação votada pela A. Geral (dizem-nos que a maior parte dos acionistas não perceberam bem como foi votada tal gratificação)—110 contos.

Percentagem de 5%, sobre o dividendo a distribuir—36 contos.

Soma isto a bonita quantia de «Cento e setenta contos» para mais que não para menos, porque estas são umas contas por alto.

Este sr. Araujo é ainda coronel-médico reformado e não perde pitada do soldo correspondente, apesar de ser um inimigo das instituições, fazendo a mais nefasta propaganda contra o Estado que não deixa de sugar.

E, sobre a acção dos directores da Companhia, em breve voltaremos a falar.

Ao sr. Araujo lembramos as palavras de Jesus:

—«Ai dos que edificam os seus palácios com o suor alheio! Cada pedra, cada ladrilho é um peccado».

Karl.

2.º Ensinar os ignorantes

Lei n.º 88, de 7 de Agosto de 1913:

Art. 12.º Perde o lugar no corpo administrativo, a que pertencer, o membro que aceitar cargo que o torne ilegivel para o mesmo corpo, ou incompativel com o mandato que exercer, ou que incorra em qual quer das incompatibilidades dos artigos 8.º e 9.º.

Art. 8.º Podem ser eleitos para os corpos administrativos os eleitores das respectivas circunscrições que saibam ler e escrever.

§ 1.º Exceptuam-se, porém:

5.º Os empregados dependentes dos corpos administrativos, de cuja eleição se tratar.

Isto quer dizer o seguinte: Que pode qualquer vereador concorrer ao lugar de médico municipal, quando posto a concurso, desde que tenha as habilitações legais;

Que, sendo provido, perde o lugar de vereador, visto ser incompativel com este mandato o lugar de facultativo municipal.

Nem assim o «Ecos» perceberá, ou faz-se tolo, para iludir o publico, mentindo-lhe com o maior dos decaramentos?

ECOS

Decretos

Ultimamente, publicou o governo um decreto que, a nosso vêr, é simplesmente despótico. Comprehendemos que os governos queiram vêr-se livres dos barros do sr. Cunha Leal e, por isso, fechem o parlamento; mas não comprehendemos que, para meter na ordem os que conspiram, se use de medidas violentas contra os que não conspiram. Tal decreto, que coloca sob o arbitrio do poder executivo o funcionalismo militar e civil, affigura-se-nos em excesso pombalino, pelo que só merece a nossa reprobção. Mal vai ao governo se entra no caminho do abuso.

Stá claro

O «Ecos», depois de pintar com as mais negras cores a acção da vereação municipal republicana, vai demonstrar o brilhantismo da acção da minoria monarchica.

Stá claro, não se podia comprehender o contrario.

E digam-nos depois que o «Ecos» não é o «Ecos» de cara estanhada e contos ao pescoço.

Nada de sustos!

O «Ecos» alarmou-se com o facto da colocação na Escola Industrial desta cidade de um professor adido da Escola Primária Superior.

Agora, efectivamente, não se procede como nos tempos antigos; enquanto há pessoal adido, não se fazem novas nomeações. Mas, é isto que ataranta o «Ecos»?

Sossogue; lembre-se de que um adido, que se coloca, deixa de receber pelo lugar donde foi transferido, e não inveje os «ehorudos ordenados» que recebem os presidentes das comissões executivas e os chefes politicos; nem mesmo o subsídio dos parlamentares, que é inaccumulavel com o vencimento de qualquer outra função pública.

FATE

FABRICO ESPECIAL DE
: PÃO DE LÓ E DOCES :
FINS E PÃO DE MILHO
: DE SUPERIOR :
QUALIDADE, NO

HOTEL CENTRAL

VULGO:

Hotel da Felismina

INSTRUÇÃO PRIMARIA

Na espinhosa missão de conseguir donativos para as crianças pobres foram no passado dia 7 a Ronfe, Pevidem, Gando-so e Creixonil os professores da escola do ensino primário geral desta cidade, D. Aida de Sousa Carvalho, D. Luiza Miranda, D. Maria das Dores Montes, D. Maria de Sá Vilaca e D. Natividade Simões Menezes, acompanhadas pelo sr. A. Coelho, como representante da Associação dos Empregados de Comércio de Guimarães.

Foram no auto do sr. Francisco Costa, que gentilmente o cederam para tal fim.

De Ronfe apenas trouxeram 20500 dados na fábrica dos srs. Barbosa, Mesquita & Fernandes. No Pevidem, foram gentilmente recebidas pelo sr. Francisco L. da Cunha Guimarães. Vieram verdadeiramente penhoradas para com este cavalheiro e grande industrial que sabe ser delicado e atencioso. Boas impressões trouxeram também do sr. José Correia Guimarães, e outros pequenos fabricantes, nos quais viram boa-vontade e delicadas maneiras.

Não é questão de dar. Para qualquer indivíduo não dar nada, mas conservar a linha de delicadeza que todo o cidadão deve ter, para ser educado.

As Senhoras, que foram na nobre missão de pedir para os pobres, eram incapazes de pedir para elas, ainda que por ventura precisassem. Mas, já pelo seu lugar que desempenham já pela posição de seus maridos, de nada precisam. Pediam para os pi bresinhos. Ficaram, por isso, muito surpreendidas por serem mal recebidas por um grande industrial, que não soube usar a delicadeza que cada cidadão deve ter em sua casa, nem conservar aquela linha de urbanidade atenciosa que é costume ter-se para com Senhoras, que, demais a mais, são educadoras da futura sociedade.

Trouxeram 170500 e duas peças de riscado.

Uns fabricantes ficaram de mandar ainda, outros não estavam em casa, e outros estavam doentes ou tinham saído havia momentos.

Além dos 20500 já citados deram escola os Ex.^{mos} Srs.:

Francisco Inácio da Cunha Guimarães, duas peças de riscado; José Correia Guimarães, 50500; Manuel Rodrigues Guimarães, Antonio Rodrigues Guimarães e José Silva Abreu, 20500 cada um; Anónimo (Pevidem), José Parente, Francisco Araujo e Fábrica dos Atranquilhos, 10500 cada;

MUITO JUÍZO

Apesar de ter sido dominada ha dias uma revolução monarchico-sidonista, que tinha por fim instituir uma ditadura militar que prendesse toda a demagogia, isto é, todos os republicanos que não abdicam das suas ideias liberais, os boatos de mais uma intentona não cessam.

Que querem os conspiradores? Que o governo seja ainda mais benévolo do que tem sido para com os revoltosos?

A imprensa monarchica e a das Forças Economicas fazem um ataque cerrado a toda a obra do governo, embora tenham sido vencidas com armas na mão, (considerando-se vencedores), a ponto de darem a entender que quem devia estar preso não eram os que se revoltaram contra a Constituição Política da Republica Portuguesa, mas sim quem a defendeu.

Ora, francamente, a liberdade de imprensa tem limites, e o governo não obrigando estes se-

nhores monarchico-sidonistas a entrarem na ordem, denota que não se vale das autorizações parlamentares de que dispõe. E porquê?

Julgo que não é por fraqueza, mas sim devido a influencias republicanas, que, ainda hoje, apesar das duras lições recebidas, continuam com a politica de aproximações.

Que confusão podem ter os republicanos nestes que se intitulam chefes e que tão depressa esquecem aqueles que derramam o seu sangue em defeza da Republica, procurando servir-se, tendo em mira, unica e simplesmente, a politica pessoal, ta e sem ideal algum que a alimente?

Nenhuma confiança. Pois se esses senhores chefes tem a completa noção da palavra Democracia, atendam a que a massa republicana tem os olhos fitos nos seus actos, os quais, para obterem a devida aprovação, tem de ser feitos de harmonia com o sentir dessa massa republicana, pois em caso contrario somente provocam o descontentamento e as dissidências dentro dos partidos, como se tem visto até aqui.

E os senhores politicos em evidencia não desconhecem que foi a sua má politica quem tornou possível o ambiente para esta revolução.

É necessario, no momento que decorre, é muita energia da parte do governo e muito juizo dos politicos constitucionais.

A. J. C.

Vida associativa

Associação Comercial e Industrial de Guimarães

Sessão de 7 de Maio

Reuniu a Direcção da Associação Comercial e Industrial de Guimarães, estando presentes: o 1.º Secretario, sr. Antonio Faria Martins, o Tesoureiro, sr. José da Silva Gonçalves e os Directores, srs. Alberto Pimenta Machado, Casimiro Martins Fernandes e Francisco da Costa Jorge.

Foi lido diverso expediente, entre o qual uma carta do Ex.^{mo} Sr. Dr. Diogo Pacheco de Amorim, aceitando o convite que esta Direcção lhe dirigiu para realizar uma conferencia no salão noturno da Associação.

—Por accordo entre o Ex.^{mo} Sr. Dr. Mariano da Rocha Felgueiras e esta Direcção, ficou esta encarregada da colocação das obrigações de 10 0/0 que constituem o empré-timo que a Camara de Guimarães está autorizada a contrair e destinado ao estabelecimento da ligação telefonica desta cidade com Braga, Santo Tirso, Vizela, Taipas e Pevidem.

Ficou resolvido esta Direcção procurar essa colocação desde já, para o mais rapidamente possível ver-se realizado tão almejado melhoramento.

Jornais

Voz do Povo

Recebemos o jornal a «Voz do Povo» da cidade de Leiria e orgão das Comissões Politicas do Partido Republicano Português.

Jornal Brasileiro

O ultimo numero da 2.ª edição da tarde, saído a 30 de Março, transcreveu o artigo que o nosso jornal publicou no seu n.º 42 intitulado «O homem que odiava as crianças», original do nosso colaborador Jorge Ramos.

Original

A aglomeração de original forca-nos a publicar na próxima semana um suplemento ao numero 52 do nosso jornal, com colaboração escolhida e outros assuntos de interesse.

Compra...

A Associação dos Empregados de Comércio, desta cidade, compra, para a sua Biblioteca, os seguintes números da «Revista de Guimarães»:

N.ºs 1, 2 e 3 do ano de 1905.
N.ºs 2, 3 e 4 do ano de 1908.

ARREMATACÃO

(1.ª Publicação)

Pelo Juizo de Direito de Guimarães, cartorio do 5.º officio, vão pela segunda vez á praça, para serem entregues a quem mais oferecer sobre os preços fixados, no inventario orfanologico por obito de João, Vitorino da Silva Guimarães, casado, que morreu na rua de Francisco Agra, desta cidade, no dia 31 do corrente mês.

Por 13 horas, á porta do Tribunal Judicial:

Os prédios seguintes, sitos naquela rua:

Uma morada de casas de 3 andares, com os numeros de policia 49 e 51, com quintal, poço e tanque e uma corte, o qual faz parte do descrito na Conservatoria sob n.º 22:130, no livro B-64, foi avaliado em 36:000\$00, vai á praça por 21:600\$00.

Outra morada de casas, de 2 andares, com rocio, com os numeros de policia 45 e 47, que faz parte do citado n.º da Conservatoria, foi avaliada em 14:400\$00 e vai á praça por 8:610\$00.

Outra morada de casas, tambem de 2 andares, com rocio, com os numeros de policia 41 e 43, descrita na referida Conservatoria no livro B-52 sob n.º 18.031, avaliada em 7:200\$00 e que vai agora á praça por 4:320\$00.

Estes dois prédios tem meação no poço existente no prédio sito na sobredita rua com os numeros de policia 37 e 39.

Por 14 horas, á porta da casa onde residiu o inventariado:

Diversos bens moveis, que faziam parte do mobiliario da casa, os quais são agora precedados com o desconto de 80 % da avaliação respectiva.

Toda a contribuição de registo devida pela arrematação dos imoveis, fica a cargo dos arrematantes.

Pelo presente são citados quaisquer credores ou outros interessados incertos, para assistirem aos termos da praça.

Guimarães, 8 de Maio de 1925.

O escrivão,

José Maria Baptista Ribeiro.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

Amadeu G. Guimarães.

UNIÃO RESSEGURODORA

COMPANHIA DE SEGUROS E RESSEGUROS

S. A. R. L.

FUNDADA EM 1916

Capital: 300:000\$00, inteiramente realizado

BANQUEIROS:

JOSÉ AUGUSTO DIAS, FILHOS & C.ª

PORTO. LISBOA.

Lisboa, 28 de Abril de 1925.

H.^{mos} Srs Mendes & Freitas, Limitada.

Guimarães.

I.^{mos} Srs.

Acaba de dar entrada nos nossos escritórios toda a documentação respeitante ao sinistro ocorrido nos armazens de V. S.^{as}, sito na rua de Paio Galvão, n.ºs 108 a 114 e Rua Gil Vicente, n.ºs 97 a 101, dessa cidade.

O nosso liquidatario, o Ex.^{mo} Sr. Pimenta de Araujo, trouxe de V. S.^{as} as melhores impressões de cavalheirismo e honradez, o que muito nos apraz ter sabido, levando-nos por esse motivo a pôr desde já á disposição de V. S.^{as} a importancia apurada dos prejuizos a nosso cargo de ESC. 22:758\$80, o que para tal fim V. S.^{as} encontrarão junto a esta dois recibos para legalizarem devidamente.

A disposição de V. S.^{as} fica, pois, nestes escritórios a importancia acima referida, cuja será liquidada nesta sede, conforme instruções por V. S.^{as} dadas ao nosso liquidatario o Sr. Pimenta de Araujo, ao apresentante dos recibos que incluímos a esta.

Um dos recibos tem de ser reconhecida a assinatura de V. S.^{as}. Aguardando o favor de V. S.^{as} nos acusarem a recepção da presente, pedindo-lhes mais o favor de nos dizerem se ficaram satisfeitos com a nossa liquidação, pois que é esse sempre o maior empenho desta Companhia.

Mais ainda pedimos licença a V. S.^{as} para, no caso de precisarmos fazer uso da carta de V. S.^{as}, que isso nos seja permitido. Com a mais subida estima e muita consideração, somos

De V. S.^{as} Mt.º At.ºs e Ven.ºs

Pela União Resseguradora,

O Administrador-Delegado.

Loja do Povo

Mendes & Freitas, Limitada

R. PAIO GALVÃO, 108 a 114. R. GIL VICENTE, 97 a 101.

Guimarães, 7 de Maio de 1925.

Il.^{mo} Sr. Administrador-Delegado da Companhia de Seguros UNIÃO RESSEGURODORA.

Lisboa.

Amigo e Sr.

Com muita satisfação acusamos recebida a carta de V. S.^{as} de 28 do p. passado, capeando dois recibos da importancia que ficou a cargo dessa Companhia, ou sejam ESC. 22:758\$80, de cuja liquidação ficamos satisfeitos, o que agradecemos e nos apressamos a responder.

Após o recebimento da carta de V. S.^{as}, entregamos á Agencia do Banco do Minho os referidos recibos, devidamente selados e reconhecidos, para cobrança nessa sede e gostosamente lhe comunicamos que já se encontra no referido Banco aquela importancia á nossa ordem, pelo que nos apressamos apresentar os nossos protestos de vivo reconhecimento.

E' p' is do nosso dever dirigir-lhe esta carta e fazer o uso que entender se assim o desejar.

Sem mais outro motivo, subscrevemo-nos com vivo apreço.

De V. S.^{as} At.ºs Ven.ºs e Obrg.ºs,

Mendes & Freitas, Limitada.

Agradecimento

Guimarães, 12 de Maio de 1925.

Il.^{mos} Srs. Directores da Companhia de Seguros IRIS.

Lisboa.

Amigos e Srs.

Foi-nos muito agradável verificar a prontidão com que V. S.^{as} liquidaram a sua cota-parte no sinistro do nosso estabelecimento, em parte seguro nessa Companhia pela apólice n.º 37:291.

Tendo há dias apresentado á cobrança nos vossos escri-

torios, por intermédio do Banco do Minho, o respectivo recibo de indemnização, no total de 22:893\$27, foi o mesmo logo satisfeito, o que nos apraz registar, porquanto se este facto traduz o grau de prosperidade dessa Companhia, põe em evidencia ao mesmo tempo a seriedade que preside a todos os seus actos.

Acitem, pois, V. S.^{as} os nossos melhores agradecimentos.

Com a maior consideração, subscrevemo-nos

De V. S.^{as} At.ºs Ven.ºs e Obrg.ºs

(a) Mendes & Freitas, L.^{da}